



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

### **MENSAGEM**

Ref. MSG\_19/2016

Mensagem para a Solenidade de todos os Santos

Braga, 01.Nov.2016

### **O tempo não nos pertence**

O tempo e a eternidade. Dois termos que parecem, à partida, excluir-se e, todavia, estão profundamente ligados na fé cristã. Cristo, o Verbo Eterno, incarnou e irrompeu no presente histórico, que de si mesmo é limitado. E a Sua presença representa para nós um convite à transcendência, à transgressão dos limites impostos pela humana temporalidade.

A cultura industrial e tecnológica criou, na nossa sociedade, uma nova percepção do tempo. O tempo é um bem precioso, mensurável e controlável. «Lembra-te que o tempo é dinheiro», disse Benjamin Franklin a um jovem empresário do século XVIII. Cada minuto, cada segundo, conta e deve ser rentabilizado. Penso, todavia, que esta concepção do tempo destrói por completo a nobreza do espírito humano. O que entendo por nobreza do espírito humano? É a qualidade do *ser* em detrimento do *ter*. Quando o tempo é dinheiro, somos de tal modo pobres que a única riqueza que temos mesmo é o dinheiro. Não por acaso tem vindo a crescer, dos mais diversos quadrantes, um elogio ao ócio, isto é, um tempo de qualidade que renove o nosso **ser** e nos permita **estar** com quem mais gostamos.

Mas um tempo mensurável é também um tempo limitado. Neste sentido, a morte é entendida como o final da jornada, o muro inultrapassável. Caras(os) cristãs(ãos), esta é uma realidade que me preocupa. Quando a morte é o fim da vida, perdemos o sentido da transcendência, da escatologia, da ressurreição e, em última circunstância, a certeza de que Cristo continua vivo. É, por isso, importante que na catequese, nas escolas e grupos de reflexão se esclareça sobre o sentido cristão do tempo e como o articular ou distanciar da percepção contemporânea.

Exorto ainda a que, neste dia, seja lida e estudada a Instrução *Ad resurgendum cum Cristo*. Este documento esclarece a doutrina católica sobre a cremação. «Em si mesma [a cremação] não é contrária à religião cristã», mas a «Igreja recomenda insistentemente que os corpos dos defuntos sejam sepultados no cemitério ou num lugar sagrado». Pede-se ainda, neste documento, o respeito pelas cinzas, evitando que as mesmas sejam dispersas «no ar, na terra ou na água ou, ainda, em qualquer outro lugar», ou mesmo conversadas em «peças de joalharia ou em outros objectos». Creio que, antes de mais, é um sinal de respeito pelo corpo humano, epifania da nossa existência e das nossas relações interpessoais. O corpo, na lógica cristã, é a fonte de relação, memória da nossa presença na Terra e parte integrante da nossa existência. Acreditamos, por isso, na «ressurreição dos mortos e a vida no mundo que há-de vir». Acreditamos, como nos diz Paulo, que Cristo «transfigurará o nosso pobre corpo, conformando-o ao seu corpo glorioso» (*Fil* 3,21).



Desejo que este dia seja, para todos nós, uma oportunidade para reflectir cristãmente sobre a morte, o sentido do tempo e a nobreza do corpo. É um dia de silêncio respeitoso, de estar com a família, de nos lembrarmos dos nossos amigos e familiares já falecidos. É um dia de oração na comunhão dos santos. Mas é também um dia de serena alegria porque Cristo venceu a morte.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*